

A novas relações entre o individual e o coletivo

O seminário do Instituto de Pesquisas Avançadas (IEA) da USP, 'O Indivíduo e o Espaço Público', com participação das professoras Maria Alice Rezende de Carvalho e Vera da Silva Telles, e dos sociólogos Bernardo Sorj e Danilo Martuccelli, abordou questões sobre o indivíduo no contexto da modernidade e seu lugar dentro das esferas política e nos espaços públicos. O diretor do Centro Edelstein de Pesquisa Social, falou sobre as aspirações, as esperanças e frustrações que a vida moderna pode suscitar, bem como as pessoas lidam com as pressões sociais.

A apresentação fez parte de um ciclo de palestras com o tema '*Em Busca do Sentido Perdido: Diálogos Interdisciplinares sobre Ciência e Transcendência*', que tem o objetivo de discutir as mudanças causadas pelo novo contexto sociocultural e as novas formas de dominação da cultura ocidental contemporânea.

Graduado em história e sociologia pela Universidade de Haifa, Israel, Sorj alega que as maiores preocupações da sociedade - o sucesso, o status, o consumo - advêm dos meios de comunicação ou das redes sociais, que transmitem informações superficiais, não promovem (ou promovem pouco) a reflexão e o senso crítico do indivíduo. As informações 'esgotam-se em si mesmas'.

"Vivemos num mundo no qual a tecnologia permeia cada passo de nossas vidas, mas não entendemos como ela funciona", diz ele. Usamos celulares, tablets, computadores, mas não nos perguntamos como aquilo funciona, como foi feito. Fazemos uso daquilo que consideramos 'útil', muitas vezes sem nem saber a procedência, a origem até sua total capacidade.

O sociólogo uruguaio e naturalizado brasileiro ainda diz: "A comunicação é onipresente, mas seu conteúdo é raso". Conseguimos ter acesso a informação hoje de qualquer lugar. Seja no metrô, no ônibus, ela chega por meio de TVs, de celulares, do rádio. Mas a pressa da vida cotidiana impede que os assuntos sejam tratados com mas profundidade, com discussão. As informações são passadas de forma rápida, vazia, apenas com o intuito mesmo de noticiar um fato.

Assim, o sentido da vida ficou de fragilizado. Segundo Sorj, o individualismo e o consumismo não deixam espaço para a busca da transcendência do indivíduo. "O tempo se esgota no presente e na insegurança sobre o que o futuro trará", diz ele.

Para o sociólogo Danilo Martuccelli, o amor norteia e se torna cada vez mais valorizado na vida das pessoas. Ele é uma promessa de felicidade. 'Muitos estão dispostos a morrer por amor', diz. Junto com esse sentimento, a religião e as crenças são um suporte coletivo e individual para muitos na sociedade moderna, em que a vida privada e o individualismo criam uma disputa entre o interesse coletivo e a felicidade pessoal.

Nesse contexto, a professora Maria Alice fala sobre a interação entre as pessoas e os coletivos. A vida passou a ser uma troca igualitária, onde cada uma das partes possui seus direitos. Mas poucos no fundo convergem de verdade. 'Convergir significa abrir mão de uma originalidade', diz ela. É como se o indivíduo abrisse mão da sua própria capacidade em prol das ideias de outro.

"A sensibilidade contemporânea é a da singularização", complementa a professora. A história passou a ser uma narração subjetivada do tempo. Antes o tempo estava fora de nós, era objetivo, comum a toda a humanidade. O diálogo entre os indivíduos, sejam eles

produtores de conhecimento científico ou de outras áreas que refletem as condições humanas possui esse impasse.